

# Sentidos sobre o passado: uma análise comparativa do espanhol e do português

*Senses about the past: a  
comparative analysis of Spanish  
and Portuguese*

Rodrigo Campos

Dayala Vargens

Recebido em: 3 de fevereiro de 2024

Aceito em: 14 de fevereiro de 2024

Rodrigo Campos  
Professor Adjunto do Instituto de  
Letras (Departamento de Letras  
Neolatinas - Setor de Espanhol)  
da Universidade do Estado do  
Rio de Janeiro (UERJ). Vice-  
Diretor do Instituto de Letras  
(2024-2027). Doutor e Mestre  
em Letras (Linguística) pela UERJ.  
Possui bacharelado e licenciatura  
em Letras: Português/Espanhol  
pela mesma instituição. É bolsista  
do Programa Prodocência (UERJ).  
ORCID: [https://orcid.org/  
0000-0002-1722-5260](https://orcid.org/0000-0002-1722-5260)  
[rodrigocampos.rsc@gmail.com](mailto:rodrigocampos.rsc@gmail.com)

Dayala Vargens  
Professora da Faculdade de  
Educação e do Programa de Pós-  
graduação em Estudos da Linguagem  
(UFF). Mestre em Linguística  
e doutora em Letras Neolatinas  
(UFRJ). Integrante do Grupo  
de Pesquisa Práticas de linguagem,  
trabalho e formação docente e  
do Grupo Discurso e Educação  
Linguística. Vice-coordenadora do  
Programa de extensão Alfabetização  
e Leitura e coeditora da revista *Sede  
de Ler*.  
ORCID: [https://orcid.org/  
0000-0002-6606-626X](https://orcid.org/0000-0002-6606-626X)  
[dayalavargens@id.uff.br](mailto:dayalavargens@id.uff.br)  
Brasil

PALAVRAS-CHAVE:

Análise Contrastiva;  
Tempo Verbal; Dêixis;  
Língua Portuguesa; Língua  
Espanhola.

KEYWORDS:

Contrastive Analysis; Verb  
Tense; Deixis; Portuguese  
Language; Spanish language.

Resumo: Este estudo visa realizar uma breve análise comparativa do pretérito perfeito do modo indicativo nas línguas portuguesa e espanhola, enfocando as nuances expressas por esse(s) tempo(s) verbal(is) em contraste com os sentidos que derivam de possíveis traduções para o português. Para embasar esta análise, mapeamos, dentre outros autores, definições presentes nas obras de Bosque (2009), Matte Bon (1998), Gómez Torrego (2002) e Charaudeau, Darbord; Pottier (1994), no que tange aos tempos verbais em língua espanhola; e a Azeredo (2010), Cunha; Cintra (1992) e Bechara (2009), no que diz respeito aos estudos dos tempos em português. Neste artigo, também abordamos a noção de dêixis temporal e buscamos refletir sobre o lugar do estudo gramatical na educação linguística.

Abstract: This study aims to perform a brief comparative analysis of the past perfect tense of the indicative mood in the Portuguese and Spanish languages, focusing on the nuances expressed by this (these) verb tense(s) in contrast with the meanings that derive from possible translations into Portuguese. To support this analysis, we have mapped, among other authors, definitions found in the works of Bosque (2009), Matte Bon (1998), Gómez Torrego (2002); and Charaudeau; Darbord; Pottier (1994) concerning verb tenses in Spanish, and Azeredo (2010), Cunha; Cintra (1992), and Bechara (2009) with respect to the study of tenses in Portuguese. In this article, we also address the notion of temporal deixis and seek to reflect on the role of grammatical study in linguistic education.

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Este artigo propõe-se a realizar uma análise concisa comparando dois tempos verbais da língua espanhola (*Pretérito Perfecto Simple* e *Pretérito Perfecto Compuesto*) com o que seria seu correspondente na língua portuguesa (Pretérito Perfeito). O objetivo é identificar e explorar semelhanças e diferenças na expressão das relações temporais por meio desses tempos verbais.

O presente texto é fruto da nossa experiência como professores de espanhol, tendo atuado em variados contextos e com distintos públicos ao longo de nossas carreiras. Nós, os autores, possuímos experiência na Educação Básica (Ensino Fundamental e Médio), na educação não formal e no Ensino Superior, em que contribuímos para a formação de futuros professores. Assim, apesar de não focarmos nos aspectos formais da língua em nossas pesquisas, sentimo-nos motivados com o desenvolvimento deste trabalho pelo fato de percebermos, como docentes de espanhol como língua adicional, que certos tempos verbais de passado apresentam frequentes desafios de compreensão e de uso para nossos alunos, que são, no momento, professores de espanhol em formação.

Pela nossa vivência em sala de aula como professores, bem como pelo diálogo que estabelecemos com os estudos discursivos, aprender e ensinar uma língua também exige a mobilização de conhecimentos linguístico-gramaticais, o que não equivale, evidentemente, aderir a uma perspectiva prescritiva ou meramente descritiva no contexto pedagógico.

Recordemos que, segundo Bakhtin (2000), a interação humana ocorre por meio dos gêneros do discurso, que se estruturam em torno de três pilares

fundamentais: construção composicional, conteúdo temático e estilo verbal. Este último se manifesta na escolha de recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais. Portanto, ao aplicarmos a visão bakhtiniana da linguagem à educação linguística, é indispensável a inclusão do estudos a partir de gêneros, tanto orais quanto escritos, o que demanda uma atenção particular aos seus estilos e, conseqüentemente, aos elementos gramaticais que os constituem.

É importante entender que, na visão de Bakhtin (2000), os aspectos de construção composicional, tema e estilo estão intrinsecamente entrelaçados no conjunto do enunciado. Assim, conforme essa abordagem, o estudo gramatical não ocorre de maneira isolada ou focada exclusivamente em aspectos estruturais, mas sim considera o uso específico da língua em enunciados únicos e irrepetíveis.

Autores como Mazzaro (2018) salientam que a noção de contextualizar o ensino gramatical tem levado a práticas pedagógicas mal orientadas. Isso se manifesta, por exemplo, no uso de trechos de textos meramente como apoio ao ensino da gramática, seja normativa ou descritiva, sem prestar a atenção necessária aos efeitos de sentido gerados pelo uso de certos elementos gramaticais dentro de um enunciado específico e sob condições particulares de enunciação.

Neste artigo, que não tem a intenção de esgotar o tema proposto, o foco recai sobre o uso dos verbos no passado em espanhol, conforme antecipamos no início do texto. Para tanto, buscamos estabelecer comparações com a língua portuguesa, pois entendemos que pode ser um recurso valioso para ajudar os alunos a compreender as especificidades desses elementos linguístico-gramaticais em ambas as línguas.

## AS RELAÇÕES DE TEMPO EXPRESSAS PELO VERBO

Um enunciado não precisa ter um verbo em sua constituição. Sabemos que apenas uma palavra, como “socorro”, inscrita em uma determinada situação é um ato de enunciação com sentido completo. Ainda assim, o verbo é fundamental no uso da linguagem, atuando, por excelência, como marcador temporal. De acordo com Charaudeau; Dabord e Pottier (1994, p. 183), na *Grammaire explicative de l’espagnol*, “tempo e verbo são noções tão inseparáveis que as línguas romanas empregaram uma só palavra, ‘tempo’, para nomear os tempos gramaticais (presente, pretérito imperfeito, pretérito perfeito, futuro simples etc) do tempo que corresponde a uma grande categoria mental (tempo histórico)”.

Do ponto de vista estrutural, o verbo é essencial para a formação do predicado e, conseqüentemente, da oração. Simplificando, sem um verbo, não existe predicado, assim como uma oração não pode existir sem um verbo. Azeredo (2010, p. 200) destaca que o verbo é o eixo estrutural da oração: “O verbo é, assim, a garantia formal da existência do predicado e, portanto, da própria oração, pois é por meio de sua variação morfossintática que se exprimem o tempo, o modo, a pessoa, o número e a distinção aspectual (...)”.

Dialogando com Azeredo (2010), trazemos a definição de verbo da *Nueva gramática de la lengua española*, de Bosque (2009, p. 1673):

A flexão verbal expressa em espanhol NÚMERO e PESSOA, MODO e também TEMPO e ASPECTO. (...) o número e a pessoa constituem informações relativas ao sujeito; o modo reflete, por sua

vez, certas facetas da atitude do falante, assim como algumas características semânticas dos predicados nas orações em que estes são tomados como argumentos. O tempo é uma categoria DÊITICA, portanto, REFERENCIAL.

Assim como a noção de pessoa, as noções de tempo e de espaço são fundamentais na comunicação, pois permitem que o enunciado se ancore na situação de enunciação. Ou seja, são os elementos dêiticos que permitem ao co-enunciador identificar os referentes de tais embreantes (modo como o autor denomina os dêiticos) (Maingueneau, 2002).

Além dos verbos, existem outras categorias que marcam o tempo nos enunciados em relação ao momento da enunciação. É o caso dos advérbios de tempo. De modo similar, existem os advérbios de lugar que expressam o espaço. De acordo com Azeredo (2010, p. 204), “ao referir-se ao espaço em que se encontra, o indivíduo que fala identifica-o como aqui; e ao referir-se ao momento em que fala, pode designá-lo como agora”.

Analisando exemplos de advérbios de lugar (como abaixo, além, acima, aqui) e de tempo (como antes, depois, agora, ainda, hoje, amanhã), notamos que esses termos não apontam para locais ou épocas específicas e fixas dentro do texto. Eles, na verdade, adquirem sentido somente em relação ao momento da enunciação, o contexto em que ocorre a comunicação.

Considere este cenário: uma pessoa entra numa sala de aula deserta à noite, escreve no quadro «EU ESTIVE AQUI HOJE» e sai. No dia seguinte, esse enunciado gera diferentes possibilidades de interpretação. Os que o leem poderão questionar: 1. Quem teria escrito isso? 2. Quando terá sido escrito?

As incertezas e a natureza interpretativa do enunciado surgem porque ele emprega elementos de referência dêíticos (pessoa, lugar, tempo), que só fazem sentido se considerarmos a pessoa/lugar/momento da enunciação. Tais elementos apontam para outros aspectos, semelhantes aos elementos anafóricos e catafóricos, mas diferem por se referirem a aspectos fora do texto, ou seja, a elementos extratextuais.

Ao examinarmos a frase «EU ESTIVE AQUI HOJE.» e focarmos nos elementos dêíticos («EU», «AQUI», «HOJE»), percebemos que sem o contexto da enunciação, é impossível determinar a quem «EU» se refere ou a qual dia exato «HOJE» alude. «EU» aponta para o enunciador, o indivíduo que fala ou escreve, enquanto «HOJE» refere-se ao tempo da enunciação. O advérbio «HOJE» é dêítico porque pode se referir tanto ao momento exato da fala quanto ao dia corrente. Trata-se de um elemento que se renova constantemente, denotando sempre o presente ou o dia atual.

O advérbio «AQUI» é outro exemplo de elemento dêítico, cujo significado é definido pelo contexto fora da frase. «AQUI» refere-se ao local onde o enunciador se encontra. No entanto, em situações comunicativas síncronas, seu sentido pode ser mais facilmente entendido pelo contexto. Por exemplo, no cenário mencionado anteriormente, «AQUI» só pode se referir à sala de aula, já que o enunciador teria que estar na sala para escrever a frase, que por sua vez, seria lida e interpretada na mesma sala pelos coenunciadores.

Azeredo (2010, p. 204) define os elementos dêíticos da seguinte maneira: “as categorias gramaticais de pessoa e de tempo – por tomarem o enunciador e o momento da enunciação como referência – se dizem categorias dêíticas”.

Bosque (2009, p. 1269) explicita que “a dêixis é a propriedade que muitas expressões gramaticais possuem para denotar significados que dependem da localização tempo-espacial dos interlocutores”. E continua:

O grupo nominal hoje pode ser empregado, analogamente, para designar qualquer dia, sempre que coincida com aquele no qual se emitam essas palavras. Sua referência mudará, por conseguinte, e poderá adquirir tantos valores quantos sejam os dias nos quais se emita tal termo. Esta propriedade caracteriza de modo geral as unidades dêiticas, sejam espaciais ou temporais. Na verdade, se alguém usa a expressão isso que está à minha direita, gira depois cento e oitenta graus e repete essas mesmas palavras, estará referindo-se a algo diferente. (Bosque, 2009, p. 1270).

Conforme comentamos anteriormente, Maingueneau (2004, p. 113), por sua vez, a partir da perspectiva da Análise do Discurso enunciativa, utiliza uma terminologia diferente para os elementos dêiticos, chamando-os de «embreantes». Conseqüentemente, enunciados que contêm esses elementos são denominados pelo autor como «enunciados embreados». Ele explica: «Um enunciado pode conter embreantes e, assim, estar conectado à situação de enunciação; neste caso, fala-se de enunciado embreado». Portanto, a dêixis é esse ato de «referir-se ao momento da enunciação», e pode ser expressa também através de verbos que utilizam esse momento específico de produção dos enunciados como seu principal ponto de referência.

O momento da enunciação funciona como o «ponto de partida» para o enunciador, ou seja, é com base nesse instante que se definem as relações temporais dos eventos mencionados (o conteúdo da fala) em relação ao tempo



da enunciação. Esse tempo pode ser representado como sendo simultâneo, posterior ou anterior ao referido marco temporal.

De maneira geral, eventos localizados temporalmente antes do momento da enunciação são considerados como estando «no passado», enquanto aqueles que se situam após o momento da enunciação são vistos como estando «no futuro». Vejamos alguns exemplos:

a. Laura *arrumou* as malas.

(passado – época anterior ao momento da enunciação)

b. Laura *arrumará* as malas.

(futuro – época posterior ao momento de enunciação)

De acordo com Azeredo (2010), o conceito de presente como tempo gramatical é definido, por exclusão, como qualquer evento que o enunciador não situa em um tempo futuro ou passado em relação ao momento da enunciação:

c. O Rio de Janeiro *possui* muitas praias.

No exemplo mencionado, não se sugere que a cidade do Rio de Janeiro teve ou terá muitas praias; ao invés disso, o fato é descrito no tempo presente. Assim, se considerarmos que o tempo passado (gramatical) é expresso por eventos ocorridos antes do momento da enunciação e o tempo futuro (gramatical) por eventos que acontecerão depois, podemos ser levados a concluir que o tempo presente (gramatical) coincide com o momento exato da enunciação. Azeredo (2010, p. 205), contudo, destaca a diferença entre o

presente como categoria gramatical e o momento da enunciação, enfatizando que não devem ser confundidos. Ele explica: «O presente gramatical não pode ser simplesmente definido como o «momento em que se fala». Esse é apenas o momento da enunciação.» O enunciador pode se distanciar mentalmente do momento da enunciação e fazer enunciações usando outros pontos de referência (outros lugares e tempos) que são distintos do momento em que a enunciação ocorre. Azeredo (2010, p. 352) esclarece a questão:

Esses deslocamentos mentais não significam que, ao assumir a palavra, uma pessoa pode ocasionalmente abandonar o ponto de referência da enunciação – o aqui e agora. Na realidade, o que ela faz é eleger um segundo ponto de referência não coincidente com o momento da enunciação, o qual também funciona como um marco temporal de certos fatos e situações.

Portanto, na organização temporal de fatos e ideias expressos pelos verbos, emergem três pontos de referência principais: o presente, atuando como um ponto de referência global ou central, presente em todos os enunciados e, em certos casos, podendo coincidir (ou não) com o momento da enunciação; e o passado e o futuro, que representam deslocamentos mentais efetuados pelo enunciador. Esses deslocamentos são sempre relativos ao ponto de referência central, ou seja, o momento da enunciação.

Adicionalmente ao momento da enunciação (ME) e ao ponto de referência (PR), existe uma terceira variável crucial nas relações temporais expressas em frases na língua portuguesa: o intervalo de tempo (IT). Este pode ser descrito, segundo Azeredo (2010, p. 354), como “a parte da linha do tempo

que é representada como sendo anterior, simultânea ou posterior ao ponto de referência (PR)”.

Vejamos no próximo tópico, a partir de uma breve apresentação do Pretérito Perfeito em português e em espanhol, como essas noções se apresentam nas referidas línguas.

#### PRETÉRITO PERFEITO SIMPLES E COMPOSTO EM PORTUGUÊS E EM ESPANHOL

O Pretérito Perfeito Simples em língua portuguesa é um tempo verbal que representa o fato como concluído. De acordo com Bechara (2009), esse tempo verbal, diferenciando-se do pretérito imperfeito, fixa e enquadra a ação dentro de um espaço de tempo determinado. Ou seja, o fato concluído situa-se num intervalo de tempo anterior ao ponto de referência presente:

d. Nós *nascemos* no Rio.

e. Eles *compraram* carne anteontem.

É característica a sua utilização em textos narrativos, cujas ações apresentam-se situadas em época anterior ao momento da enunciação. Azeredo (2010, p. 359) salienta que “o amplo uso do pretérito perfeito no discurso narrativo é favorecido, antes de mais nada, por sua associação com o aspecto conclusivo do processo. Obviamente, o que é visto como consumado no momento da enunciação pertence cronologicamente ao passado”.

Na citação anterior, Azeredo (2010) explica que o pretérito perfeito simples do português denota um aspecto concluído do processo, devido à sua

natureza perfectiva. Contudo, é importante lembrar que essa conclusão ocorreu cronologicamente no passado, isto é, em um tempo anterior ao momento da enunciação, e não durante o momento da enunciação em si. Isso pode ser melhor compreendido ao examinarmos o exemplo a seguir:

f. *Novou.*

Poderia ser interpretado que a neve acabou de cair exatamente no instante em que esse enunciado foi formulado. Sob essa perspectiva, o pretérito perfeito simples e seu aspecto de conclusão coincidiriam com o momento da enunciação. Vamos analisar outro exemplo:

g. *Novou ontem.*

No exemplo g, o afastamento entre o momento da enunciação e a época em que o evento ocorreu é mais evidente. Note-se que, diferentemente do exemplo f, esse distanciamento é explicitamente indicado no exemplo g pelo uso do advérbio «ontem», que define o tempo em que a ação aconteceu. Qualquer indicativo temporal que sugira um passado pode ser utilizado para posicionar cronologicamente o evento no tempo passado. Este tempo verbal também pode representar um fato que aconteceu antes de um futuro específico, demonstrando um deslocamento mental por parte do enunciador:

h. Quando você chegar a São Paulo, a festa já *acabou*.

O *Pretérito Perfecto Simple* é um tempo verbal da gramática da língua espanhola que denota ações que ocorreram antes do momento da enunciação,

sendo comumente empregado para descrever eventos passados sem enfatizar diferentes perspectivas ou contextos em que essas ações se deram. Conforme Matte Bon (1998, p. 19), o uso deste tempo verbal coloca em destaque os «fatos em si».

De acordo com Charaudeau, Darbord e Pottier (1994), o *Pretérito Simple* é “o” tempo do passado por excelência, ao passo que Gili Gaya (2000), por sua vez, o considera como a forma absoluta do passado. Esse tempo exprime a plena operacionalidade da ação, ou seja, trata-se de um tempo de primeiro plano (Weinrich *apud* Charaudeau; Darbord; Pottier, 1994), que demarca as ações verbais.

A perspectiva de Bosque (2009) é compatível com a de Matte Bon (1998) a respeito da natureza perfectiva do *Pretérito Perfecto Simple*, que se caracteriza por relatar eventos passados concluídos. Este tempo verbal pressupõe a existência de um começo e um fim definidos para um evento, aludindo a atos ou processos pontuais, como mencionado por Matte Bon (1998).

O *Pretérito Perfecto Compuesto* é um tempo verbal composto da língua espanhola formado pelo verbo *haber* (haver) conjugado em presente do indicativo + participípio passado. Denota anterioridade em relação ao ponto de referência correspondente. Segundo Charaudeau, Darbord e Pottier (1994), usamos esse tempo para expressar uma ação que se conservaria atual.

Antes de continuar nossa discussão, é importante frisar que a diferenciação entre o *Pretérito Perfecto Simple* e o *Pretérito Perfecto Compuesto* não é homogênea em todas as comunidades hispano-falantes. O uso desses tempos verbais varia significativamente entre as diferentes regiões que falam

espanhol, como destacam pesquisadores como Gómez Torrego (2002) e Fanjul (2014). Assim, as observações feitas aqui não devem ser vistas como universalmente aplicáveis a todos os países de língua espanhola.

Ao buscarmos correspondência para o *Pretérito Perfecto Compuesto* no português, o tempo verbal que melhor corresponderia seria o Pretérito Perfeito Simples. Observemos o exemplo a seguir:

i. *He cantado* mucho.

Tradução: *Cantei* muito.

Muitos estudantes podem tender a interpretar esse tempo verbal como equivalente ao Pretérito Perfeito Composto do português, apresentando a construção a seguir como se fossem equivalentes:

Tradução não adequada: *Tenho cantado* muito.

Considerar o *Pretérito Perfecto Compuesto* do espanhol como equivalente ao Pretérito Perfeito Composto do português implica, porém, em atribuir uma ideia de reiteração da ação ao tempo verbal espanhol, o que nem sempre corresponde à sua real expressão. Em geral, o *Pretérito Perfecto Compuesto* do espanhol assemelha-se ao Pretérito Perfeito Simples do português, transmitindo uma ideia de ação concluída. Analisando os exemplos mencionados, percebemos que ao dizer «*He comido mucho*», o falante está indicando que comeu muito, ou seja, a ação foi concluída e ocorreu antes do momento da enunciação, não sendo um evento que continua até o momento da fala.

No entanto, também é possível em determinados contextos que o *Pretérito Perfecto Compuesto* expresse a continuidade no presente de eventos ocorridos no passado, conforme ilustrado no exemplo a seguir:

j. Las elecciones no *se han celebrado*, pero no se demorarán muchos meses.

Tradução: As eleições não *foram realizadas*, mas não faltarão muitos meses para que ocorram.

O uso do *Pretérito Perfecto Compuesto* no exemplo anterior permite avaliar uma situação a partir de um ponto de referência no presente (implícita está a ideia de que as eleições ainda não aconteceram até o dia atual). Bosque (2009) denomina esta aplicação do tempo verbal como «*interpretación de antepresente*», que envolve referir-se a situações que ocorreram antes do momento da enunciação, mas são avaliadas ou consideradas a partir desse ponto de referência.

As orações mencionadas anteriormente revelam diferenças sutis, porém significativas, no uso e na expressão do tempo verbal em Pretérito Perfeito Composto em ambos os idiomas. No espanhol, a estrutura «*no se han celebrado*» utiliza o *Pretérito Perfecto Compuesto*, formado pelo auxiliar «*haber*» no presente do indicativo e pelo particípio passado do verbo principal. Conforme mencionado, este tempo verbal é tipicamente empregado para descrever ações ou eventos que, embora ocorridos no passado, possuem relevância ou continuidade no presente. Assim, ao dizer “*Las elecciones no se han celebrado*”, há uma implícita conexão temporal com o presente, sugerindo que a situação pode mudar em breve ou está em um estado de expectativa contínua.

Em contraste, a tradução para o português utiliza o Pretérito Perfeito Simples “não foram realizadas”, indicando uma ação completa no passado sem uma relação direta com o presente. A escolha deste tempo verbal transmite a ideia de que as eleições não ocorreram, mas sem enfatizar uma continuidade ou conexão imediata com o momento atual, ainda que se utilize da expressão “não faltarão muitos meses para que ocorram” para adicionar uma dimensão de expectativa futura em relação ao evento mencionado. Enquanto o espanhol tende a enfatizar a continuidade entre passado e presente, o português, com a sua construção verbal, separa mais claramente os eventos passados dos futuros. Assim, a diferença no uso dos tempos verbais reflete abordagens distintas na expressão temporal, influenciando a interpretação do status e da expectativa em relação aos eventos mencionados.

k. *Ha sufrido* mucho en la vida.

Tradução: *Sofreu* muito na vida.

Neste exemplo, através do uso do tempo verbal «*Ha sufrido*», conforme a interpretação proposta por Bosque (2009), deduzimos que o sujeito mencionado continua sofrendo até o momento da enunciação. A análise comparativa da expressão «*Ha sufrido mucho en la vida*» em espanhol e sua tradução para o português «*Sofreu muito na vida*» ilumina diferenças significativas na expressão do tempo verbal em pretérito perfeito nas duas línguas. A oração em espanhol implica que o sofrimento, embora tenha ocorrido no passado, ainda é pertinente ou influente na situação presente da pessoa.



Em contrapartida, a tradução em português utiliza o Pretérito Perfeito Simples «sofreu», que é formado apenas pelo verbo principal em sua forma passada, sem o auxílio de um verbo auxiliar. Assim, «Sofreu muito na vida» sugere que o sofrimento foi um evento pontual (embora o quantificador “muito” adicione uma camada semântica de reiteração à ação), sem necessariamente indicar uma continuidade ou impacto no presente. Esta diferença nos tempos verbais reflete uma distinção sutil, mas importante, na maneira como cada idioma expressa a relação temporal entre o passado e o presente.

Outro sentido expresso pelo *Pretérito Perfecto Compuesto* é a denominada «*presuposición existencial*», conforme descrito por Bosque (2009). Esse uso permite inferir a existência de algo mencionado no enunciado, uma propriedade que aproxima esse tempo verbal ao tempo presente. Analisemos alguns exemplos para entender melhor:

n. Miguel *ha estado* tres veces en Madrid durante este año.

Tradução: Miguel *esteve* três vezes em Madri durante este ano.

No enunciado mencionado, presume-se que a ação verbal desenvolvida por Miguel está dentro da zona temporal do enunciador: “este año”. De acordo com Gómez Torrego, (2002) o que diferencia os dois pretéritos, nomeados por ele como Pretérito Indefinido (forma simples) e Pretérito Perfecto (forma composta), é que, no primeiro caso, os fatos estão fora da “zona temporal” em que se encontra falante.

No exemplo anterior, Miguel esteve em Madri “este ano”, portanto, a ação está dentro do recorte temporal do presente ano, que continua atual no momento da enunciação. Observe-se que essa nuance de sentido se perde na tradução do verbo, pois “esteve” indica que se trata de uma ação ocorrida num tempo anterior ao momento da enunciação, mas não sinaliza que o sujeito da oração segue existindo no presente.

Continuando a discussão sobre a «*presuposición existencial*», é importante ressaltar que, no espanhol, é frequente a diferenciação entre os dois pretéritos no uso do verbo *morir* (morrer), por exemplo, cada um trazendo distintas nuances de sentido:

q. Su mamá y sus hermanos *han muerto*.

r. Su mamá y sus hermanos *murieron*.

Tradução: A mãe e os irmãos dele *morreram*.

De acordo com Gómez Torrego (2002), a relação que a forma composta do pretérito estabelece com o presente pode ser puramente psicológica, ou seja, a ação perdura de alguma forma para o falante. O autor também considera que esse tempo verbal permite expressar situações em que as consequências das ações se mantêm no presente.

No exemplo q, o emprego do *Pretérito Perfecto Compuesto* sugere que o impacto da morte ainda é sentido pelos entes queridos. A ação, apesar de ter acontecido no passado, continua tendo efeitos no momento da enunciação. No exemplo r, a utilização do *Pretérito Perfecto Simple* indica que a dor

causada pela morte dos entes queridos já não persiste. Esse tempo verbal pode sugerir um afastamento temporal mais acentuado.

Portanto, a principal diferença entre essas duas construções verbais está na conexão temporal dos eventos com o presente. O *Pretérito Perfecto Compuesto* tende a relacionar o evento passado com o presente, sugerindo recenticidade ou relevância contínua, enquanto o *Pretérito Perfecto Simple* apresenta o evento como algo mais distanciado no tempo, sem enfatizar sua conexão com o presente. Observe-se que, ao traduzirmos essas orações para o português, tais nuances de sentido podem ser perdidas.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Refletindo sobre os tempos verbais *Pretérito Perfecto Compuesto* e *Pretérito Perfecto Simple* do espanhol, e comparando-os com o Pretérito Perfeito (Simples) do português, notamos que as relações temporais estabelecidas pelo verbo não se restringem apenas à tríade passado-presente-futuro, mas abarcam nuances de sentido que precisam ser contempladas. Como observado ao longo deste estudo, é essencial considerar o momento da enunciação e os pontos de referência, que podem ser simultâneos, anteriores ou posteriores a esse momento. Além disso, é importante levar em conta as ações e os intervalos de tempo nos quais ocorrem os deslocamentos mentais do enunciador.

Considerando que cada idioma reflete também a cultura de seus falantes, nem todas as relações semânticas expressas pelos tempos verbais mencionados em espanhol podem ser completamente «transmitidas» pelo tempo verbal correspondente em português. O mesmo ocorre na direção oposta.

Além dos verbos, deve-se ter em conta que a presença de outros marcadores temporais, como as locuções adverbiais, podem auxiliar nas aproximações de sentido entre as duas línguas.

A relevância deste trabalho reside na atenção dada aos variados sentidos que os tempos verbais em espanhol podem assumir, visando aprimorar práticas pedagógicas para alunos cuja língua materna é o português. Como afirmamos inicialmente, reforçamos aqui o ponto de vista de que o estudo da gramática e, particularmente do emprego dos tempos verbais, não pode ignorar as especificidades de cada enunciado inserido em um dado contexto. Entendemos que comparar diferentes estudos gramaticais, bem como contrastar os recursos e funcionamentos de diferentes línguas, é um processo que faz parte da formação de um professor. Contudo, é imprescindível, sob a ótica de uma educação linguística crítica e criativa, que esses conhecimentos não sejam tratados isoladamente dos seus usos concretos e que possamos analisar com os nossos alunos as particularidades dos textos/discursos/enunciados estudados e as implicações provocadas pelos sentidos que neles se instituem.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Azeredo, José Carlos de. *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa*. 3º ed. – São Paulo: Publifolha, 2010.
- Bakhtin, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Pontes, 2000.
- Bechara, Evanildo. *Moderna Gramática da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

- Bosque, Ignacio. *Nueva gramática de la lengua española: Morfología – Sintaxis I*. Espasa libros – Madrid, 2009.
- Charaudeau, Patrick.; Darbord, Bernard.; Pottier, Bernard. *Grammaire explicative de l'espagnol*. Paris: Nathan-Université, 1994.
- Fanjul, Adrián. *Gramática Práctica del Español para brasileños*. São Paulo: Moderna, 2014.
- Gómez Torrego, Leonardo. *Gramática didáctica del español*. Madri: SM, 2002.
- Gili Gaya, Samuel. *Curso Superior de Sintaxis Española*. Barcelona: Vox, 2000.
- Maingueneau, Dominique. *Análise de textos de comunicação / Dominique Maingueneau: tradução de Cecília de P. da Souza-e-Silva, Décio Rocha. – 3. ed. – São Paulo: Cortez: 2004.*
- Matte Bon, Francisco. *Gramática Comunicativa del Español Tomo II*. Ediciones EDELSA, 1998.
- Mazzaro, Daniel. A gramática nos livros didáticos de Espanhol: breves reflexões a partir das obras aprovadas no PNLD 2015. In: Barros, C. S.; Martins-Costa, E. G.; Freitas, L. M. A. (Org.). *O livro didático de espanhol na escola brasileira*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2018. p. 227-240.